



Do império do cobre ao turismo cultural no sul do Brasil: vila mina do Camaquã

Daniel Luciano Gevehr¹

Patricia Ines Schwab²

Fabiana Tramontin Bonho³

Resumo: O artigo objetiva descrever a transformação espacial e econômica, ocorrida na Mina do Camaquã, desde a extração dos primeiros minérios de cobre, até a atualidade, onde é oferecido, aos seus visitantes, experiências de ecoturismo e turismo de aventura. O turismo, campo de práticas históricas, sociais, culturais e de lazer, é um meio de promoção do desenvolvimento e defesa do patrimônio, relação esta necessária e possível. A pesquisa evidenciou o uso, para finalidade turística, do espaço pós-industrial e produtivo da Mina do Camaquã, enquanto potencial de desenvolvimento local. A Vila Mina do Camaquã oferece uma infraestrutura completa para o recebimento de turistas e, conta com o empreendimento *Mina Outdoor Sports*, que apresenta um portfólio amplo de modalidades de turismo de aventura. Conclui-se, com a pesquisa, que há a necessidade de reconhecimento – de fato – do potencial e da valorização do patrimônio histórico-cultural e natural, tendo em vista a consolidação das Minas do Camaquã, como um atrativo turístico permanente do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Mina do Camaquã; Patrimônio; Turismo; Desenvolvimento local.

From the empire of copper to cultural tourism in the south of Brazil: vila mina do Camaquã

Abstract: The article aims to describe the spatial and economic transformation that took place at *Mina do Camaquã*, from the extraction of the first copper ores to the present, where they offer their visitors experiences of ecotourism and adventure tourism. Tourism, a field of historical, social, cultural and leisure practices, is a means of promoting the development and defense of heritage, a necessary and possible relation. The research evidenced the use, for tourism purposes, of the post-industrial and productive space of the *Mina do Camaquã*, as a potential for local development. *Vila Mina do Camaquã*, offers a complete infrastructure for the reception of tourists, and has the *Mina Outdoor Sports* venture, which presents a wide portfolio of adventure tourism modalities. It is concluded, with the research, that there is a need for recognition - in fact - of the potential and appreciation of the historical-cultural and natural heritage, in view of the consolidation of the *Mina do Camaquã*, as a permanent tourist attraction of *Rio Grande do Sul*.

Keywords: Mina do Camaquã; Cultural heritage; Tourism; Local development.

-
- 1 Doutor em História (2007) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Possui graduação em História (2000) e mestrado em História (2003) pela mesma Universidade. É Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR - FACCAT), onde também atua como Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) Instituições, Ordenamento Territorial e Políticas Públicas para o Desenvolvimento Regional, das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). É coordenador de Área do Programa Residência Pedagógica (PRP-Capes) do Curso de História da FACCAT.
 - 2 Graduada em Administração pela UFFS e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR), Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
 - 3 Graduada em Administração (ULBRA) e Ciências Contábeis (UNIP), especialista em Auditoria e Perícia Contábil, Gestão Educacional, Controladoria e Gestão Profissional e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR), Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT).

Introdução

O patrimônio cultural, que engloba todos os bens de natureza material e imaterial, as formas de expressão, os conjuntos urbanos e rurais de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, natural ou científico, precisa ser valorizado e sua proteção, deve ser pensada – antes de tudo – pelos sujeitos que detém o conhecimento especializado sobre o tema. A conscientização acerca da preservação, pode ser realizada por meio de ações das comunidades e dos agentes que se relacionam com os bens portadores da memória coletiva e da identidade cultural dos diversos grupos sociais.

Por meio do turismo, atividade capaz de atribuir um novo valor aos espaços, os indivíduos passam a compreender os elementos sociais, históricos e culturais de determinado bem material ou imaterial, desenvolvendo um consciente voltado para a conservação do bem de uso comum do povo, essencial àquela localidade. Deste modo, para que se possa preservar um bem cultural, é importante saber não apenas que ele existe, mas também que sua presença é fundamental para a manifestação histórico-cultural do lugar.

A discussão em torno do segmento turístico, também se dá, quando o assunto é desenvolvimento local ou regional. Esta atividade econômica soma no processo de valorização dos atributos locais como os atrativos naturais e culturais. Elementos que compõe a paisagem, como rios, cachoeiras, cânions, morros, picos, entre outros, e a cultura local, como manifestações populares, festas, artesanato, gastronomia, arquitetura e história, somam positivamente, na atração de turistas e visitantes para as pequenas localidades, como é o caso da “Vila Mina do Camaquã”, em Caçapava do Sul (RS).

Frente ao exposto, propõe-se uma análise sobre o espaço em questão, bem como o processo de transformação espacial e econômica, ocorrido na Mina do Camaquã, situada em Caçapava do Sul (RS), que é referência na extração do minério de cobre no país, e que atualmente vem se utilizando dos espaços pós-industriais (nos quais se dava o processo de extração do metal) para a promoção do desenvolvimento local, através do turismo.

Inicialmente, apresenta-se uma discussão acerca do patrimônio natural, turismo e desenvolvimento local, relação esta necessária e possível para localidades semelhantes à do objeto de estudo do presente trabalho. Em seguida são descritos os aspectos históricos, físicos e naturais da Mina do Camaquã, bem como seu potencial local ecoturístico e de turismo de aventura.

Patrimônio natural, turismo e desenvolvimento local

O turismo, campo de práticas históricas, sociais, culturais e de lazer, é um meio de promoção do desenvolvimento e defesa do patrimônio, relação esta necessária e possível. A legislação de proteção do patrimônio cultural no Brasil surgiu na década de 1930, mais especificamente, Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, que organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, vinculado a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu valor arqueológico, etnográfico, natural, bibliográfico ou artístico. A Constituição de 1988, em seu Art. 216, no capítulo referente à cultura, integra os bens naturais como parte integrante do patrimônio cultural brasileiro.

Constituem o patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade

brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

Em virtude das práticas intensivas e depredatórias de utilizar o ambiente, nos anos iniciais da década de 1970 houve um esforço internacional para defendê-lo, realizando-se a ECO-72, objetivando a conscientização acerca da preservação dos patrimônios naturais (FERRETTI, 2002).

Pode se dizer que o homem, a natureza, a cultura e o desenvolvimento devem estar articulados em um projeto que garanta a preservação do patrimônio e a interação entre os ecossistemas e os universos sociais. Para Delphim (2004, p. 3), duas posturas justificam as ações de preservação do patrimônio natural.

A primeira, de cunho ético, fundamenta-se em um imprescindível valor humano, respeito e a solidariedade que o homem, única criatura capaz de conhecer e compreender os fenômenos materiais e imateriais do universo, deve a todos os seres que o rodeiam, sobretudo às diferentes formas de vida com as quais compartilha o espaço e tempo. A segunda, de cunho pragmático, origina-se do interesse e dependência do homem pelos recursos da natureza sem os quais não pode subsistir. A preservação dos recursos naturais assegura ao homem a possível fruição desses bens, mesmo que ainda não conheça suas possíveis formas de utilização.

Deste modo, a preservação do patrimônio natural fomenta a integração entre os elementos físicos e biológicos do ambiente, os sistemas estabelecidos entre si e a ação humana. Paralelo a isso, tem-se o fortalecimento das atividades turísticas, em especial, o ecoturismo.

O turismo atribui um novo valor aos espaços, tornando-os lugares turísticos. Ele promove, transforma o lugar em mercadoria e estabelece o valor de uso dos bens culturais. Os espaços turistificam-se no momento em que são reorganizados no sentido de satisfazer os desejos de uma clientela que vem de fora (FONTELES, 2004).

Para Ferretti (2002), o estudo do ambiente acontece com o homem nele inserido, daí a importância de se verificar o impacto da presença humana nos ecossistemas que se pretende aproveitar turisticamente, uma vez que, na visão da autora, a inter-relação turista-ecossistema é diferenciada, pois a presença do turista é ocasional e, quando agride o ambiente é por descuido, indiferença ou desconhecimento do que representa.

O ecoturismo é considerado um dos meios, pelo qual o homem busca sua reaproximação com a natureza. Este se configura como uma tipologia de turismo, relativamente nova, que vem crescendo mundialmente a cada ano, tendo como principal característica o aproveitamento do patrimônio natural de forma sustentável, valorizando, assim, os elementos paisagísticos e os benefícios gerados às comunidades locais (DEGRANDI, 2011). Em conformidade com o Instituto Brasileiro do Turismo – EMBRATUR (2004, p. 19):

O ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas.

Logo, o ecoturismo visa a conservação, a educação ambiental e os benefícios gerados para as comunidades receptoras, esta última em estreita relação com o desenvolvimento local. O termo

desenvolvimento possui percepções racionalizadas e apresentadas no âmbito econômico, político e ideológico. Desse modo, a amplitude e complexidade do termo são expressas em diferentes épocas, tempos e lugares. Veiga (2010, p. 34) traz uma visão acerca do termo desenvolvimento, no qual este:

Requer que se removam as principais formas de privação da liberdade: pobreza e tirania, carência de oportunidades econômicas e destituição social sistemática, negligência de serviços públicos e intolerância ou interferência de Estados repressivos.

Isto nos faz inferir que um processo ou estágio de desenvolvimento objetiva, principalmente, a melhoria da qualidade de vida da população. O poder público tem papel relevante no desenvolvimento equilibrado e sustentado de uma região no longo prazo, por meio dos seus processos de organização e relação social: “A identidade da cultura local tende a assimilar as novas realidades produtivas e os novos desenhos de relações sociais, e os novos valores encontram um eco favorável nas zonas de desenvolvimento local” (BÜTTENBENDER, 2017, p. 113).

Quanto à definição acerca do termo desenvolvimento local, o autor citado o enfatiza como o processo que pressupõe uma transformação consciente da realidade local através do qual se promove o desenvolvimento no interior de um determinado espaço geográfico pequeno, territorialmente definido e que representa uma identidade cultural comum, por meio do qual ocorrem os processos de organização, participação e relações sociais.

De acordo com Brose (1999), o desenvolvimento local surge do fortalecimento da cidadania, do sucesso econômico do empreendedorismo, de produtos competitivos, do uso sustentável de recursos naturais, da pluralidade institucional, do poder de compra dos consumidores, de preços adequados, da integração de iniciativas públicas, dá ênfase na reciclagem, da disponibilidade de recursos financeiros, do *know how* e tecnologia, de um mercado consumidor compatível e de decisões políticas das lideranças da comunidade e dos atores sociais envolvidos.

O segmento do turismo tem sido empreendido e adotado pelas estratégias de desenvolvimento de vários países, entretanto a sua utilização para esta finalidade deve ser cuidadosamente analisada, em virtude das características da localidade, tendo em vista que o turismo de massa e exploratório reduz a relação entre aquele e o desenvolvimento, a uma dimensão estritamente econômica (DEGRANDI, 2011).

Desta forma, Souza (1999) relata que, em âmbito local, um aspecto fundamental a ser analisado é identificar os grupos de indivíduos envolvidos no processo, no caso os turistas e a população da área de destino, e o que cada grupo tem a perder e a ganhar com a modalidade turística proposta. No que se refere à população local, parte dela pode lucrar, enquanto outra pode ver-se seriamente ameaçada e ter suas estratégias de sobrevivência ou seu acesso a recursos básicos prejudicados: “Quanto mais frágil (socioeconômico e politicamente) é um grupo, maior tende a ser sua dependência para com os recursos de base estritamente local” (SOUZA, 1999, p. 20).

Dado o exposto, é possível dizer que qualquer questão ligada ao desenvolvimento está demarcada por um contexto histórico que dá significação social, cultural e econômica aos horizontes da localidade em foco. Assim, sob a capacidade de o turismo propiciar um processo de desenvolvimento local, defesa e/ou preservação de um patrimônio natural, apresenta-se, a seguir, o Caso da Mina do Camaquã.

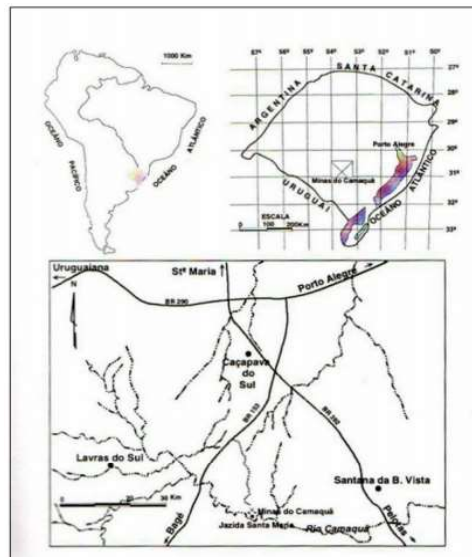
As Minas do Camaquã

A mineração é uma atividade industrial importante, embora possa produzir impactos ambientais nas fases de extração, beneficiamento, refino e fechamento de uma mina. Ela é considerada uma atividade que tem causado problemas de poluição sonora, da água e do ar, erosão e subsidência do terreno. Também têm sido associadas à mineração, questões sociais como: conflitos pelo uso do solo, depreciação de imóveis circunvizinhos, geração de áreas degradadas e transtornos ao tráfego urbano (MEDINA, 2015).

A localidade intitulada de Vila Minas do Camaquã, objeto de estudo deste trabalho, está situada na divisa entre os municípios de Caçapava do Sul e Santana da Boa Vista, na metade sul do estado do Rio Grande do Sul, nos domínios do Escudo Sul-rio-grandense e da bacia hidrográfica do Rio Camaquã.

A exploração das Minas do Camaquã levou em consideração sua localização⁴, apontada como bem situada devido à disponibilidade de vias de acesso, proximidade de portos, estações ferroviárias e de grandes centros. A capital do estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, se situa a uma distância de 301 km e o Porto de Rio Grande em torno de 231km (GOOGLE MAPS, 2019).

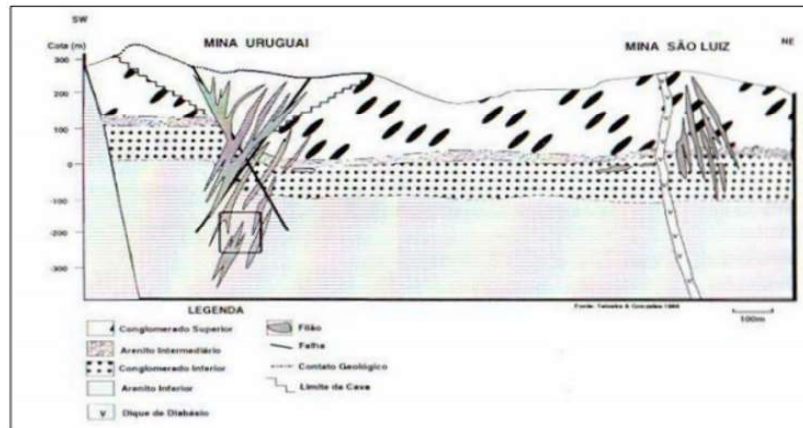
Figura 1 - Mapa de localização



Fonte: Ronchi (1998) *apud* Silva (2008)

A Mina do Camaquã engloba dois corpos de minério, a mina Uruguai, a qual é a céu aberto e subterrânea, e a mina São Luiz, que é somente subterrânea. O minério da Mina do Camaquã é encontrado de duas formas, em filões (ver Fig. 2) e disseminações. Os filões preenchem falhas, apresentando os sulfetos sob forma maciça ou em massas irregulares no interior de ganga de quartzo, hematita, clória, calcita e barita. O minério disseminado ocorre nos conglomerados e arenitos.

Próximo à superfície há uma zona de oxidação, onde o minério contém pequenas quantidades de ouro e prata (RONCHI, 1998 *apud* SILVA, 2008). As mineralizações situadas ali, apresentam patogenia simples composta basicamente por sulfetos de cobre: calcopirita, bornita e calcosita e pirita. Há outros tipos de sulfetos dectados em menor quantidade.

Figura 2 - Localização dos Filões de Cobre nas Minas do Camaquã

Fonte: Ronchi (1998) *apud* Silva (2008)

A história de extração do cobre e do desenvolvimento da Mina do Camaquã possui algumas fases que serão apresentadas a seguir, com base em Cheuiche et al., (2017). Primeiramente, se faz importante mencionar a origem do cobre, o primeiro metal a ser usado pelo homem.

Cerca de oito mil anos antes de Cristo, na Turquia, ficaram registros de seu emprego. Surgiu do fogo feito nas cavernas, sendo usado para a fabricação de utensílios que ajudaram a humanidade a abrir seu caminho. Foi quando terminou a Idade da Pedra, iniciando-se a Idade dos Metais. Arados e lanças, machados e armaduras, mais tarde estátuas e canhões, todos os novos instrumentos passaram a usar os metais. Unido ao estanho, o cobre produziu o bronze, formando com a prata e o ouro uma trindade destinada a participar de todos nossos atos, para o bem e para o mal (CHEUICHE et. al, 2017, p. 8).

A primeira fase da exploração do cobre na Vila Minas do Camaquã teve início em meados de 1865, quando o coronel João Dias, o primeiro proprietário da mina, encontrou as tais “pedras verdes” em sua propriedade, sendo exploradas por ingleses mineiros que extraíam ouro em Lavras do Sul. Deste descobrimento adveio a localização da jazida e resultou na abertura de uma galeria, chamada de “Galeria dos Ingleses”, localizada no flanco leste do Cerro João Dias. A empresa inglesa, conhecida pelo nome *Rio Grande Gold Mining Limited*, firmou acordo de mineração até o ano de 1887, quando encerrou a sua atividade, deixando para trás uma grande destruição.

A segunda fase de exploração deu-se por empresa de alemães a partir de 1888, que implementaram a lavra de um filão de calcopirita e pirita, construindo um forno junto à Pedra do Engenho, na face norte da elevação onde hoje situa-se a Mina São Luiz, que resultou em maior produtividade. Dali era extraído o minério mais rico, o qual era então exportado para a Inglaterra, sendo que em 1899, devido ao aumento no preço dos transportes e a queda no preço do cobre, foram desestimulados a continuar.

Retomando as atividades em 1901, foi dirigida por uma empresa belga. Os investimentos realizados foram os mais altos até então, com a construção de barragem para obtenção de energia elétrica. Nessa fase, se intensificaram as atividades de mineração com a abertura de uma nova galeria — a “Galeria dos Belgas” —, localizada no flanco oeste do cerro João Dias, cuja exploração subterrânea chegou a mais de 100 metros de profundidade, abaixo da cota mais alta do cerro da mina. A exploração foi finalizada em 1908, devido a uma nova queda do valor do cobre.

Entre os anos de 1928 e 1940, a realização de alguns estudos exploratórios na região resultaram na criação da Companhia Brasileira do Cobre (CBC) em 1942, tendo como sócios majoritários o estado do Rio Grande do Sul e o Grupo Pignatari. A fase da CBC apresentou uma nova estruturação das Minas do Camaquã: restavam cerca de 1000 metros de galerias subterrâneas e 2500 metros de linhas Decauville, para o transporte do minério

bruto até o futuro engenho de flotação. A fase foi marcada pelos incentivos políticos, pela injeção de capital e o emprego de tecnologias mais sofisticadas.

No ano de 1957, o Grupo Piratini passou a controlar a CBC, iniciando assim, um período de maiores investimentos, isto é, uma nova realidade. Como havia um elevado número de trabalhadores que ali se instalaram, surgiu a necessidade de investir recursos em habitação, saneamento básico, educação, entre outros. Esta época ficou marcada na história das Minas devido à implementação de um hospital, do Cine Rodeio e também de clubes recreativos. A situação perdurou até 1974, quando o Governo Federal comprou a empresa e a vila passou a ser toda edificada por meio do capital da mineradora.

Em 1975 a exploração foi suspensa, sendo retomada em 1981, com a utilização de técnicas mecanizadas, mas o teor de cobre ficou abaixo das projeções. Em 1988, a CBC foi levada a leilão, mas não foi arrematada e acabou sendo comprada por seus funcionários, que criaram a Bom Jardim S. A., empresa que levou as atividades mineradoras até 1996, quando ocorreu o fechamento definitivo do empreendimento, devido ao esgotamento total das reservas economicamente viáveis conhecidas (RONCHI; LOBATO, 2000).

Houve, ainda, tentativas de investimento por parte dos mineradores mais antigos em silvicultura, por meio da plantação de eucaliptos e pinheiros, entretanto o negócio não obteve o resultado esperado. Após todos esses anos de exploração da mineração e de mudanças territoriais, o cenário local é composto por áreas degradadas, com galerias abandonadas e mina a céu aberto, por extensos talhões de silvicultura, pelas casas e instalações abandonadas. No entanto, isso resultou em um patrimônio geológico espetacular, com cerros ruiformes produzidos pelo basculamento e pelo desgaste de conglomerados aluviais avermelhados da “Bacia do Camaquã”.

As figuras 3, 4, 5 e 6, apresentam algumas imagens da Vila Mina do Camaquã.

Figura 3 – Cava da mina a céu aberto



Fonte: Hoffmann (2014)

Figura 4 – Antigo Cine Rodeio



Fonte: Hoffmann (2014)

Figura 5- Antigo clube de recreação

Fonte: Hoffmann (2014)

Figura 6 – Casa do Coronel João Dias

Fonte: Hoffmann (2014)

De acordo com Degrandi (2011), a vila, suas edificações, os equipamentos e as minas atualmente desativadas contam parte da história de um importante ciclo da economia caçapavana, sul-rio-grandense e até mesmo brasileira, baseada na mineração de cobre, tornando a Mina do Camaquã um potencial turístico a ser explorado.

O Turismo na Mina do Camaquã

De acordo com Degrandi (2011), a Mina do Camaquã, no Projeto de regionalização turística elaborado pela Secretaria Estadual do Turismo, foi integrada à Região Turística do Pampa e à Microrregião Turística da Campanha Gaúcha, onde são ressaltadas as características culturais ligadas ao Bioma Pampa e à figura do gaúcho que habita a região da Campanha. Esta engloba os municípios de Aceguá, Bagé, Candiota, Caçapava do Sul, Dom Pedrito, Lavras do Sul e Hulha Negra.

Os aspectos da exploração do minério estão evidentes por toda a parte e conjuntamente com a vila, constitui um grande museu a céu aberto, da história do desenvolvimento industrial brasileiro (CUNHA, 2011, p. 13).

A análise do mapa de unidades de paisagem do Alto Camaquã, realizada por Degrandi (2011), afirma que a maioria dos atrativos naturais de interesse para o Ecoturismo se encontram distribuídas em Caçapava do Sul. Dentre os atrativos destacam-se: Minas do Camaquã, Toca das Carretas, Gruta da Varzinha, Cascata do Salso, Morro da Angélica, Vila do Segredo-Vila São José e Arroio Pessegueiro. No que se refere à infraestrutura da Vila Minas do Camaquã,

[...] apresenta uma infraestrutura completa, com restaurantes, hotel, pousada, hospital, salão de eventos da comunidade

(Cine Rodeio), praça, igreja, escola, clube, ginásio, CTG, supermercado, posto de combustível, entre outras estruturas. Muitas das antigas casas dos trabalhadores foram vendidas e hoje se constituem em segunda residência de famílias de Caçapava do Sul, Santana da Boa Vista ou de Bagé, que passam férias e finais de semana no local. Na vila pode ser realizada uma visita às antigas minas de exploração do cobre, guiada por um antigo trabalhador que hoje investe no setor de hospedagem e de alimentação, após adquirir inúmeros prédios na vila (DEGRANDI, 2011, p. 158).

A comunidade ainda residente e do entorno, direta e indiretamente envolvidos com a história das Minas do Camaquã, busca alternativas no turismo para a revitalização da área industrial, contando com a infraestrutura da vila para o receptivo aos turistas. Além dos atrativos ecoturísticos, outro segmento está atraindo visitantes para a localidade — o turismo de aventura.

Conforme a Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura - ABETA, esta [...] é a modalidade em que o turista participa das atividades de aventura, tratando-se de experiências físicas e sensoriais recreativas que envolvem desafios e que podem proporcionar sensações diversas como liberdade, prazer e superação (ABETA, 2019, s./p.).

As atividades Fig. 7 são realizadas ao ar livre, propiciando o contato com a natureza.

Figura 7 – Quadro Atividades do Turismo de Aventura

Atividades do Turismo de Aventura
Arvorismo
Balonismo
Bóia Cross/Acquaride
Caminhada
Canionismo e cachoerismo
Canoagem
Cicloturismo
Escalada
Espeleoturismo
Flutuação
Kitesurfe
Mergulho;
Observação da vida silvestre
Rafting
Rapel
Stand Up Paddle
Surfe
Tirolesa
Tree Climbing
Turismo equestre
Turismo fora-de-estrada com 4X4
Turismo fora-de-estrada com bugues
Windsurf

Fonte: TURISMO de Aventura (2010)

Em 2013 foi criado o empreendimento Minas *Outdoor Sports*. Seu objetivo é promover o desenvolvimento local por meio do turismo de aventura. Este foi implantado a partir da cedência de uso das áreas antes utilizadas pela CBC, através de um comodato entre as empresas, ou seja, autoriza o empreendimento a utilizar comercialmente as áreas, e o mesmo passa a ser o responsável legal pela

administração e manutenção dos locais (USTARROZ; COSTA FRIO, 2016).

Além de investir em estrutura física, o empreendimento também realizou cursos de capacitação profissional com os moradores de Caçapava do Sul, com vistas a oferecer um atendimento de qualidade para o turista e a oferta de atividades diferenciadas e atrativas ao seu visitante. Atualmente são desenvolvidas as seguintes modalidades de turismo de aventura: canoagem; *kite surf*; *rafting*; bóia-cross; *hidrospeed*; cicloturismo; cavalgada; fora de estrada; arvorismo; tirolesa; pêndulo; cachoeirismo; canionismo; *paraglider* ou parapente; asa-delta; balonismo e paraquedismo. O Minas *Outdoor Sports* realiza todos os anos o tradicional Festival Gaúcho de Esportes de Aventura.⁵

Considerações finais

O processo de transformação espacial e econômica, ocorrido na Mina do Camaquã (Caçapava do Sul – RS), a qual foi referência nacional na extração do minério de cobre, vem atualmente, a partir da possibilidade da utilização dos espaços pós-industriais, ressignifica estes como lugares de memória e os compreendem como parte do patrimônio cultural da comunidade, com vistas à promoção do desenvolvimento local, por meio de ações voltadas para a promoção da atividade turística.

A Vila Mina do Camaquã, de grande pujança nos anos 1960, poderá passar de uma “cidade fantasma” a um polo turístico com desenvolvimento de atividades que destacam o lugar, atualmente coberto por rochas, vegetação rasteira e contando com um lago artificial, de cor azul-turquesa, que se formou na área da antiga mina, a céu aberto. Além disso, o Minas *Outdoor Sports*, oferece atividades voltadas ao segmento do turismo de aventura, apresentando elementos de renovação a Vila Mina do Camaquã.

Com vistas à realização de estudos futuros, percebe-se a necessidade de pesquisas que privilegiem a memória e a identidade cultural da população do lugar que preserva e ressignifica esse patrimônio cultural – antes percebido apenas como fonte de extrativismo mineral e posteriormente transformado em patrimônio cultural da comunidade – para que desta forma, se consiga, melhor compreender a dinâmica dos processos que constituem a *rememoração* do passado do lugar, que em diferentes épocas, se apresenta com características e finalidades distintas.

Referências

ABETA. Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura. 2019. Disponível em: <<http://abeta.tur.br/pt/pagina-inicial/>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

BRASIL. **Constituição da república federativa do Brasil de 1988**. Brasília, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 23 fev. 2019.

BRASIL. **Decreto-lei Nº 25**, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Brasília, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm>. Acesso em: 23 fev. 2019.

5 Consultar <https://www.turismo.rs.gov.br/atrativo/6085/minas-outdoor-sports>

- BROSE, M. **Agricultura familiar, desenvolvimento local e políticas públicas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.
- CHEUICHE, A. et. al. **Baby Pignatari: o centauro de bronze**. 2. ed. Porto Alegre, 2017.
- CUNHA, A. M. Uso Turístico de Espaços Pós-industriais: Alternativa de Desenvolvimento Sustentável para as Minas do Camaquã em Caçapava do Sul-RS. In: V SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL. 2011, Santa Cruz do Sul. **Anais...** . Santa Cruz do Sul: UNISC, 2011. p. 1 - 19. Disponível em: <<https://www.unisc.br/site/sidr/2011/textos/1231.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2019.
- DEGRANDI, S. M. **Ecoturismo e interpretação da paisagem no Alto Camaquã/RS: uma alternativa para o (des)envolvimento local?** 2011. 197f. Dissertação (Mestrado em Geografia e Geociências) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.
- DELPHIM, C. F. de M. **O patrimônio natural no Brasil**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan, Brasília, p. 1-20, 20, jan. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Patrimonio_Natural_no_Brasil.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2019.
- EMBRATUR. Instituto Brasileiro de Turismo. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Grupo de trabalho interministerial. Brasília, DF: MICT/MMA, 1994. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br>>. Acesso em: 28 fev. 2019.
- FERRETTI, E. R. **Turismo e Meio Ambiente: Uma abordagem integrada**. São Paulo: Roca, 2002.
- FONTELES, J. O. **Turismo e Impactos Socioambientais**. São Paulo: Aleph, 2004.
- GOOGLE MAPS. Distância Minas do Camaquã – Porto Alegre. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/dir/Minas+do+Camaquã,+Caçapava+do+Sul+-+RS/Porto+Alegre,+RS/>>. Acesso em: 25 abr. 2019.
- GOOGLE MAPS. Distância Minas do Camaquã – Porto de Rio Grande. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/dir/Minas+do+Camaquã,+Caçapava+do+Sul+-+RS/Porto+de+Rio+Grande,+São+José+do+Norte+-+RS/>>. Acesso em: 25 abr. 2019.
- HOFFMANN, M. Cenário para série de TV, Minas do Camaquã reúne história e esportes radicais. 2014. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/noticia/2014/08/cenario-para-serie-de-tv-minas-do-camaqua-reune-historia-e-esportes-radicaais-cj5vp7mtx0nhdxbj0reotrjf2.html?fbclid=IwAR2UaNEVFPFFYK6UgVlMlZj58j18rkphQE0Zl-R1OIrYNEiflMenLt2zT80M>>. Acesso em: 23 fev. 2019.
- MEDINA, A. I de M. et al. Tendências Tecnológicas no Brasil . **Geociências e Tecnologia Mineral**. Rio de Janeiro: CETEM/MCT, 2007. 380 p. Capítulo 3.
- ROESCH, S. M. A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- RONCHI, L. H.; LOBATO, A. O. C. (Orgs.) **Minas do Camaquã: um estudo multidisciplinar**. São Leopoldo: UNISINOS, 2000.
- SILVA, R. M. **Espaço e tempo nas Minas do Camaquã em Caçapava do Sul/ RS**. 2008. 137f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.
- SOUZA, M. J. L. de. Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local? In: RODRIGUES, A. B. (Org.). **Turismo e Desenvolvimento local**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. Cap. 1. p. 17-22.
- TURISMO de Aventura: orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Aventura_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acesso em: ago 2019.

USTARROZ, C. P.; FRIO, B. C. O desenvolvimento local em Caçapava do Sul/RS: a empresa Minas Outdoor Sports e o turismo de aventura. In: X FÓRUM INTERNACIONAL DO IGUASSU, 2016, Foz do Iguaçu. **Anais...**, 2016. p. 1 - 13. Disponível em: <<http://festivaldeturismodascataratas.com/wp-content/uploads/2017/04/10.-O-DESENVOLVIMENTO-LOCAL-EM-CA%C3%87APAVA-DO-SUL-RS-A-EMPRESA-MINAS-OUTDOOR-SPORTS-E-O-TURISMO-DE-AVENTURA.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

VALVERDE, O. **Grande Carajás: planejamento da destruição**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

VEIGA, J. E. da. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI**. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 14. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

Recebido em 07/05/2019.

Aceito em 03/09/2019.